

Garrett e o Dandismo

Á l v a r o M a n u e l M a c h a d o

Dandismo, romantismo, exílio

DE ENTRE OS VÁRIOS ELEMENTOS QUE CARACTERIZARAM Garrett como iniciador do Romantismo em Portugal relativamente aos paradigmas românticos europeus, um dos mais significativos é, sem dúvida, o do dandismo. Note-se: dandismo não só como atitude sócio-cultural, mas também, talvez sobretudo, como estratégia da criação, como elemento propriamente estruturante da escrita.

Estabelecendo, ainda que muito esquematicamente, uma definição básica de *dandismo* no contexto geral da formação e evolução do Romantismo na Europa, teremos de referir certos escritores, alguns deles importantes modelos para Garrett desde *Camões*, a obra-chave que, em 1825, consagra, como se sabe, a fundação do Romantismo em Portugal. Antes de mais, Byron, o qual, sem se considerar propriamente um dândi, exalta, entre outros, o grande modelo do dandismo inglês da época, Brummel, evocando a sua própria admissão num famoso clube londrino de dândis, Watier, onde Brummel pontificava, como se pode verificar num apontamento do diário íntimo datado de Outubro de 1821¹.

Por seu turno, Chateaubriand descreve, nas *Mémoires d'outre-tombe*, o dândi de 1822 (note-se que *dandy* é uma palavra inglesa e utilizada desde então como tal, sem tradução ou afrancesamento) no sentido de um *fashionable*, enquanto que Stendhal, em *Rome, Naples et Florence* (1826), condena esses «*hommes frivoles*» que se pavoneiam pelas ruas das cidades italianas, embora exalte o dandismo como forma de «educação sentimental» do herói, Julien Sorel, da sua obra-prima *Le rouge et le noir*:

Assim, desde o início, desde a sua origem britânica, *dândi* e *dandismo* estiveram associados a moda romântica simultaneamente social e literária, predominante em Inglaterra e tendo depois passado para Paris, daí chegando, um tanto desvirtuada, a outros países da Europa,

Auto-retrato de um *dandy*, pormenor.
Ferdinand Georg Waldmüller, 1828.
Österreichische Galerie, Viena.



como a Itália, Espanha e Portugal. Mas também desde a sua origem se estabelece a diferença entre a simples *moda* do dandismo e uma atitude de rigoroso intelectualismo, extremamente individualista, daquele que se considera o verdadeiro *dandy*. Um rigor que passa, entre outros, por Musset (o qual foi, sem dúvida, além do já referido Byron, modelo para Garrett, como veremos adiante), Barbey d'Aurevilly ou Flaubert, para chegar a Baudelaire, o qual assimila *dandy* a *gentleman* como aristocratas do espírito contra o predomínio da burguesia, vindo a influen-

ciar Eça de Queirós, sobretudo com a criação da figura de Fradique Mendes.

O mais importante dos textos baudelairianos para a definição precisa de dândi, desde a sua origem britânica até à evolução do romantismo europeu em meados do século XIX, é um texto intitulado precisamente «Le dandy», capítulo IX do ensaio *Le peintre de la vie moderna*, publicado no *Figaro* em 1863 e depois integrado na colectânea intitulada *L'art romantique* (1868)². Para Baudelaire, o dandismo é, antes de mais, «*le besoin ardent de se faire une originalité, contenu dans les limites extérieures des convenances. [...] C'est le plaisir d'étonner et la satisfaction orgueilleuse de ne jamais être étonné [...]. On voit que, par de certains côtés, le dandysme confine au spiritualisme et au stoïcisme*». E Baudelaire chega mesmo, neste texto, a considerar o dandismo «*une espèce de religion*» e «*le dernier éclat d'héroïsme dans les décadences*».

Esta é já uma definição de certo modo finisecular, culminando todo um percurso de conceitos complexos e contraditórios de Romantismo na Europa. Voltando ao início do século XIX e focando o caso específico de Garrett, poderemos detectar sobretudo essa influência britânica inicial, relacionando intimamente dandismo com fundamentos do imaginário romântico e estes, por sua vez, com um outro elemento decisivo para a criação romântica em Garrett (e não só, claro, também sobretudo em Herculano): o exílio.

De facto, como se depreende através das *Memórias biográficas*, de Francisco Gomes de Amorim, publicadas pela Imprensa Nacional, em três volumes, entre 1881 e 1884 (que continuam a ser a principal fonte biográfica de Garrett), o fundador do romantismo português no exílio londrino frequentava com a mulher, Luísa Midosi, os salões aristocráticos da capital britânica, onde fora apresentado pelo seu amigo

duque de Palmela. E desde então a mitologia do dandismo acompanhou-o por todo o lado, quer pelas extravagâncias do vestuário, quer pela sua própria criação do herói romântico.

Dandismo, ironia, duplicidade do eu

Deixando de lado os elementos meramente biográficos quanto ao aspecto do Garrett mundano (ficaram famosos os coletes vistosos, as gravatas flamejantes, os espartilhos e as cabeleiras que usava), interessará analisar, ainda que muito brevemente, os elementos de recriação da mitologia dândi na escrita.

Se a ironia é, como diz Vladimir Jankélévitch, no seu célebre ensaio *L'ironie*, a «extrema consciência» que evita as «desfigurações» do patético, levando à descoberta das multiplicidades do eu³, Garrett cultivou-a desde o início da sua obra, relacionando-a frequentemente com um dandismo de moda que, a nível psicológico, reflectia a constante mudança, o gosto do novo, o culto da máscara. Já em 1822, num artigo publicado n' *O Toucador*, o então jovem Garrett escrevia, referindo-se à moda e ao vestuário: «Variar a todos os momentos é sem questão engenhosíssima coisa»⁴.

Mas o que poderia parecer frivolidade ou pose mais ou menos mundana, torna-se, com a idade madura e a elaboração da linguagem, uma duplicidade ironicamente romântica. Essa duplicidade manifesta-se sobretudo em *Viagens na Minha Terra*, quando Garrett faz o retrato pormenorizado de Carlos como sendo, simultaneamente, herói militar e dândi:

«[...] seu porte gentil e decidido de homem de guerra desenhava-se perfeitamente sob o espesso e largo sobretudo militar – espécie de great-coat inglês –, que a imitação das modas britânicas tinha tornado familiar nos nossos bivaques. Trazia-o desabotoado e descaído para trás, porque a noite não era fria; e via-se por baixo, elegante-



mente cingida ao corpo, a fardeta parda dos caçadores, realçada de seus característicos alamares pretos e avivada de encarnado...»⁵.

O retrato continua descrevendo-se «uma luz e viveza imensa» nos olhos, que exprimiam «a mobilidade do espírito – talvez a irreflexão»⁶. E, acrescente-se, no amor, a mentira, o paradoxo da mentira para seduzir: «Eu detesto a mentira; voluntariamente nunca o fiz; e, todavia, tenho levado a vida a mentir»⁷.

Gravura do *Journal des Dames et des Modes*, 1829. Museu Nacional do Traje, Lisboa. Fotografia de Laura Castro Caldas e Paulo Cintra.

Mas se o Carlos de *Viagens na Minha Terra* acaba, ironicamente, em barão, anafado e rico, desvirtuando o dandismo, o Garrett do final da vida e da obra, com *Folhas Caídas*, resgata o poeta-herói-dândi que, perante os «*devotos do poder, da riqueza, do mando ou da glória*», mantém o «*sonho de ouro do poeta*» e passa como puro espírito, aspirando «*sempre ao impossível*»⁸. Atitude de pose dândi e romântica, sem dúvida, mas, simultaneamente, confissão sincera, através da evocação de diversas noites «*de loucura*», «*da sedução, do prazer*» passadas nos «*salões doirados/De mil fogos alumados*», como diz no poema «*Aquela noite*».

Neste sentido, poderíamos aproximar o Garrett final de *Folhas Caídas* do Musset, igualmente dândi, das «*Nuits*» (1835-1837), onde o poeta francês recusa todo o tema exterior a si mesmo. Mas, como em Garrett, esse aprofundamento do eu na sua duplicidade infinita está sempre a criar o seu próprio espectáculo, um espectáculo que é um desafio ao mundo exterior. Como muito justamente diz José-Augusto França: «*os gostos e os sucessos mundanos do poeta, as suas toilettes, as cabeleiras e as atitudes de dandy espectacular formam um todo coerente que não pode separar-se do seu retrato psicológico e moral*»⁹.

Poderá dizer-se que o dandismo garrettiano deixou marcas em poetas portugueses entre o final do século XIX e o princípio do século XX, como, por exemplo, em António Nobre, através do próprio *spleen* baudelairiano. Mas foi Raul Brandão que, não tendo, de forma alguma, cultivado o dandismo, definiu magistralmente o Garrett dândi num texto praticamente desconhecido de 1903, intitulado «*O janota*»: «*[...] não olho as futilidades de Garrett com o riso banal de toda a gente. Através desses pequenos ridículos pressinto, nem sei bem porquê, um desespero enorme. [...] sob a máscara do janota estava decerto um homem que sofria ao sentir-se imensamente ridículo*»¹⁰. Sendo já uma visão

moderna do dândi oitocentista, ela reflecte bem a importância, no século XX, da herança romântica de Garrett simultaneamente como autor e como homem.

¹ Cf. tradução francesa de *Selected Letters and Journals: Lettres et journaux intimes*, Paris, Albin Michel, 1987, p. 307.

² Cf. Baudelaire, *Oeuvres complètes*, vol. II, Paris, Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1976, pp. 710-712.

³ Cf. Vladimir Jankélévitch, «*L'ironie sur soi: art d'effleurer*», in *L'ironie*, Paris, Flammarion, 1979, cap. I, 3, pp. 30-37.

⁴ In *O Toucador*, Lisboa, Na Imprensa Liberal, 1822, n.º 2, p. 3.

⁵ Almeida Garrett, *Viagens na minha terra*, Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora, 1954, cap. XX, p. 144.

⁶ *Id.* p. 145.

⁷ *Id.*, cap. XLIV, p. 292.

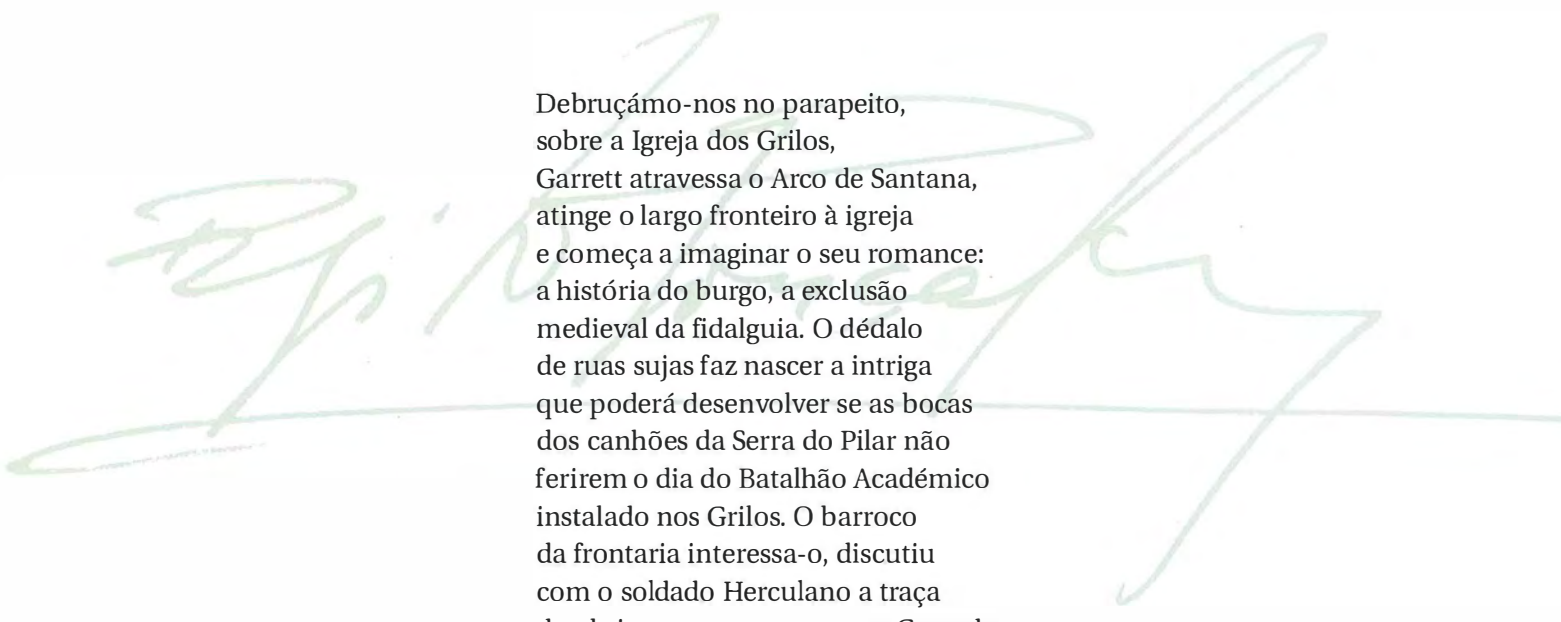
⁸ Almeida Garrett, «*Advertência do autor*», prefácio a *Folhas Caídas*, ed. *Obras completas*, Lisboa, 1904, vol. I, p. 170.

⁹ José-Augusto França, *O Romantismo em Portugal*, ed. em 3 vols., Lisboa, Livros Horizonte, 1975-1977, vol. I, p. 240.

¹⁰ Raul Brandão, «*O janota*», in «*Revista Literária, científica e artística*», n.º 35, do jornal *O Século*, Lisboa, Abril de 1903.

«...seu porte gentil e decidido de homem de guerra desenhava-se perfeitamente sob o espesso e largo sobretudo militar – espécie de great-coat inglês –, que a imitação das modas britânicas tinha tornado familiar nos nossos bivaques». (Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*).





Debruçámo-nos no parapeito,
sobre a Igreja dos Grilos,
Garrett atravessa o Arco de Santana,
atinge o largo fronteiro à igreja
e começa a imaginar o seu romance:
a história do burgo, a exclusão
medieval da fidalguia. O dédalo
de ruas sujas faz nascer a intriga
que poderá desenvolver se as bocas
dos canhões da Serra do Pilar não
ferirem o dia do Batalhão Académico
instalado nos Grilos. O barroco
da frontaria interessa-o, discutiu
com o soldado Herculano a traça
do abrigo em que repousam. Cercados,
sem saber das sortes do dia de amanhã
que pode ceifar sonhos. A morte
presente filtra milhares de coisas
que buscam o seu desenho no incerto
futuro. Nascido na rua do Calvário
na transição do século não espera
mau augúrio desse facto. A vida terá
de lhe ser dominada e fiel. Esta tarde,
se o tiroteio não for impeditivo,
vai começar a escrever. Deste muro,
olhamos a fronteira deserta; ninhos
de andorinhas entre as volutas. Sonhamos
o soldado Garrett: ele detém-se antes
de entrar na gélida penumbra
do abandonado convento, segue
por alguns segundos o voo das aves
– e o das suas ideias –. Volta-se,
olha o céu, já se ergue um vento
que traz do Sul as nuvens. Pode até
chover. Será, para trabalhar o destino
de Aninhas, uma tarde propícia.